

EXPERIÊNCIA DOCENTE EM UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: USO DE LETRAS DE RAP PARA A PRÁTICA DE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO COM OS ALUNOS DETENTOS DE UM PRESÍDIO DA AMREC

Silvana Mazzuquello Teixeira¹
silvanamazzuquello6@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho, de abordagem descritiva com traço de relato de experiência, é voltado a apresentar como foi o processo de ensino e participação, dos alunos detentos, nos encontros com aulas de literatura, da Extensão “Leitura Literária com Detentos: uma contribuição para a cidadania”, em parceria com o Presídio Santa Augusta. O Rap foi ferramenta fundamental no ensino-aprendizagem; ao levar as letras das músicas para dentro da cela de aula, houve um encontro identitário por parte dos estudantes, de forma a compactuar ao que Freire (1987) escreve, em relação ao diálogo e respeito pela trajetória e visão de mundo dos educandos. As práticas de interpretação e produção de texto tornaram-se significativas e proporcionaram bons resultados no ensino de Língua Portuguesa dos alunos presos.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Interpretação de texto; Rap.

ABSTRACT:

This work, of descriptive approach with a trace of experience report, is focused on presenting how was the teaching process and the participation of inmate students in meetings with literature classes of the Extension "Literary Reading with Inmates: a contribution to citizenship", in partnership with the Santa Augusta Prison. Rap was a fundamental tool in teaching-learning; by taking the lyrics of the songs into the classroom, there was an identity encounter by the students, in a way that was agreeing to what Freire (1987) writes, regarding to dialogue and respect for the trajectory and worldview of the students. The practices of interpretation and text production became meaningful and provided good results in the teaching of Portuguese Language to the imprisoned students.

KEYWORDS: Extension; Interpretation of the text; Rap.

1 VISÃO GERAL: ESTRUTURA, FORMAÇÃO E PLANEJAMENTO

Em 2019, ingressei na Extensão “Leitura Literária com Detentos: uma contribuição para a cidadania” de forma voluntária; não muito tempo depois, tornei-me bolsista extensionista. O projeto havia sido aceito pelo edital de extensões do Território Paulo Freire, e

¹ Mestranda em Educação - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Bolsista CAPES.

tinha como objetivo dar auxílio didático, pedagógico e literário à escola do presídio da cidade de Criciúma.

O projeto ofertava aulas de literatura com duração de 3 horas semanais e contribuía, também, no letramento, alfabetização e efetivação do programa de remição “Despertar pela leitura”. Como os alunos detentos tinham diferentes níveis de escolaridade, auxiliávamos não só com a leitura e interpretação, mas com o ensino de Língua Portuguesa e redação.

Outra característica das aulas era a rotação dos alunos, que por conta de transferência, acabavam participando dos encontros poucas vezes, dando vagas para novos discentes. A rotação também se dava, na época, pois não conseguimos estabelecer remição de pena, logo, a participação dos presos era voluntária e sem benefício oficial.

As aulas eram ministradas por duas graduandas em Licenciatura em Letras, pela UNESC, éramos orientadas por duas professoras dos cursos de graduação da Universidade, sempre muito presentes. Todo mês fazíamos reuniões de planejamento, diálogo e suporte pedagógico. Geralmente, a turma de alunos dentro do presídio era formada por 10-12 pessoas, sendo 7 estudantes fixos, que não faltavam às aulas.

Inicialmente, os encontros aconteciam em dois espaços: no pátio (mesmo em dias frios e chuvosos - em que atrapalhava, consideravelmente, as aulas) e na ala social (em que professoras e alunos eram separados por grade - dificultando a escuta do conteúdo apresentado e dúvidas dos encarcerados). Dessa forma, para melhor realizar as ações educativas do projeto, foi pedido para que as aulas ocorrem em sala de aula; e assim foi feito. Na “cela de aula”, então, haviam carteiras, quadro e acústica favorável às aulas, para a continuidade dos nossos trabalhos.

Nos primeiros momentos do projeto, eu não sabia muito bem o que levaria para as aulas; essa experiência foi minha primeira vez ministrando aulas de literatura para uma turma. Não tinha prática pedagógica formada e ainda não tinha me encontrado na docência. Além disso, não imaginava o desafio (e beleza) que era dar aulas para adultos. Com todas essas pendências, mas com muita coragem e determinação, comecei as aulas.

Planejando as primeiras aulas, decidi apresentar poemas e direcionar o conteúdo para interpretação desses escritos e após, sugerir produções como cartas aos familiares, e até mesmo poemas autorais. Todavia, os poemas que levei nas primeiras aulas eram engessados, com palavras difíceis (que os alunos detentos não entendiam, não tinham acesso) e sem temáticas que poderiam ser aprofundadas pelas experiências e bagagens dos estudantes.

Ao dar as primeiras aulas percebi que no ato de ler os poemas, por exemplo, os detentos tinham muita dificuldade, “gaguejavam” com frequência, realizavam mudanças fonéticas nas palavras (rotacismo, lambdacismo, alçamentos, entre outros), além de não conseguirem fazer leituras de algumas palavras que não faziam parte do vernáculo deles. Por não conseguirem realizar as leituras de modo efetivo, as interpretações eram falhas. Ao não compreenderem o que estava escrito, não conseguiam identificar sobre o que o texto falava e por conta disso, permaneciam em completo silêncio.

As atividades de produção textual também haviam muitos equívocos, segundo a gramática normativa. Escreviam conforme ouviam, escreviam de modo coloquial e esqueciam de usar plural, ou colocar os verbos no infinitivo, entre outros, como trocação de letras. Além disso, não usavam nenhum tipo de pontuação ou acentuação, de modo a fazerem textos corridos.

Por meio do diagnóstico inicial da turma percebi que os encontros eram rasos, com conteúdo rígido, sem diálogo mútuo, e dessa forma, os alunos não compreendiam o que era passado e a atividade-fim não estava sendo efetivada. Visto isso, precisava urgentemente modificar minha didática pedagógica, para que a prática de leitura, interpretação e produção de texto ocorressem com sucesso.

2 EDUCAÇÃO E MUDANÇA: RAP, PRÁTICA DE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO

Após o diagnóstico realizado com a turma, comecei a pensar no meu papel de professora de Língua Portuguesa e Literatura, e como poderia contribuir para a educação de jovens e adultos em prisões. Dessa forma, segui o que SCHLICKMANN (2011) escreve sobre a função da escola e também do educador:

É compromisso da escola (e, nesse contexto, do professor da disciplina de Língua Portuguesa), propor atividades que ajudem a ampliar o domínio ativo do discurso, por parte do aluno, nas mais diversas situações de interação, permitindo a inserção do mesmo no mundo da escrita, principalmente, ampliando as possibilidades de participação social no exercício da cidadania. Para que isso aconteça, necessário é reorganizar (ou mudar) o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. (SCHLICKMANN, 2011, p. 1)

Assim, passei a estudar sobre metodologias de ensino e dinâmicas para aulas de Língua Portuguesa e, também, comecei a observar os alunos que participavam das aulas do projeto, que sempre batucavam nas carteiras e sempre cantavam baixinho alguma música

enquanto produziam seus textos. Em diálogo com os estudantes detentos, resolvi levar para as celas de aula, Rap's nacionais e poemas contemporâneos de um jeito diferente, com proposta de estabelecer vínculos com os alunos, motivar as atividades, ter aulas dialógicas e principalmente, ter o ensino-aprendizagem efetivo.

Desse modo, fui construindo uma metodologia focada no vocabulário, contexto e gostos que os alunos compartilhavam, baseada nas 40 horas de Angicos, do nosso patrono da educação, Paulo Freire. Assim, tomando como rumo, a proposição de que “O aprendizado das técnicas de ler e escrever [...] (bem como o aprendizado de um programa de ação) enfim, todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida”. (FREIRE, 2019, p. 11)

Após a minha conscientização sobre a mudança de prática, a dinâmica das aulas era a seguinte: sempre começava as aulas com um poema do Bráulio Bessa, que sintonizava à temática do RAP do dia; as vantagens de começar as aulas com os poemas do autor nacional eram muitas - as temáticas dos poemas falam sobre cotidiano, os alunos se identificavam com a escrita simples e cativante, a aula começava de forma leve, havia um encontro identitário e assim, logo começava o diálogo sobre o texto lido.

A escolha por este tipo de poema e autor, foi porque as temáticas que Bráulio expõe em seus escritos nos remetem a vida cotidiana. Além disso, a escrita do autor é clara e direta, porém há muito sentimento envolvido, como esperança, fé, família, solidariedade e felicidade. O projeto buscava promover estes sentimentos nos educandos e também, resgatar a dignidade, respeito e memórias boas que, por vezes, haviam sido deixadas fora do cárcere.

Depois da conversa inicial, era apresentada a letra de Rap da vez. Os cantores escolhidos para a maratona de aulas com Rap's foram Gabriel O pensador, Emicida e Projota, com músicas como “AmarElo”, “Foco, força e fé” e “Fé na luta”. Algumas produções escritas realizadas foram: escrita de carta para o cantor das músicas; escrita de Rap autoral (+ de 1 vez); mapa mental dos sonhos; escrita de haikai em guardanapo e muito mais.

Em relação a escolha dos cantores e músicas, tive que selecionar os Rap's nacionais e compositores/intérpretes que em suas canções não burlavam algum artigo da constituição e nem incitavam violência, visto que essas letras seriam levadas para o interior de um presídio. As temáticas dos Rap's seguiam os mesmos requisitos dos poemas selecionados.

O processo de ensino utilizando Rap's nacionais como instrumento didático durou dois meses e com o objetivo de motivar os apenados a participarem das aulas e produzirem as

tarefas propostas pelos planos, eu sempre fazia as atividades também e mostrava a minha como exemplo, ou até mesmo produzia em conjunto com os discentes. De forma consonante ao que Rildo Cosson propõe, em *Letramento Literário: teoria e prática* (2011), que a motivação nas aulas é a primeira atitude para um letramento literário consolidado.

Esta ação consiste na preparação dos discentes para adentrar no texto, favorecendo todo o processo de leitura, e conseqüentemente, de escrita também. Além disso, devemos compreender a função e a prática social que o letramento literário tem e afirmar esta responsabilidade da escola, em promover momentos de construção de saberes, diálogos e formação de leitores. Nas palavras do autor, “Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.” (COSSON, 2011, p.27)

O uso de letras de música em sala de aula constitui uma forma pedagógica de enriquecer e construir conhecimentos, a partir de um texto, com ritmo e melodia. Como a música é um meio metodológico atrativo que fomenta a criatividade dos estudantes, é importante que os docentes a utilizem como material de trabalho, pois por meio das canções pode ocorrer uma facilitação da compreensão dos conteúdos. A música, em todos os meios, mas principalmente, no meio escolar, possibilita análises culturais, econômicas, políticas e sociais, de modo a fazer com que o sujeito se sinta parte do processo e se conscientize como corpo social.

O Rap, no contexto de aula ao qual nos encontrávamos, resgatava a identidade ora tirada e surgiu como oportunidade de reconstrução da autoestima dos detentos. Os alunos tinham uma relação íntima com o Rap, diziam, inclusive, que esse tipo de música era mais que uma diversão, mas uma elucidação, um meio de resistência, consciência, e também denuncia a respeito das desigualdades.

No escrito intitulado *A música como linguagem no ensino do espaço geográfico urbano*, Hélio Schroeder relata que o Rap se faz expressão artística, relatando, de forma poética, a condição social dos sujeitos de classes sociais mais baixas, os quais são excluídos pela sociedade, por meio de experiências cotidianas vividas e assim, cantadas. Juarez Dayrell escreve apontando as vantagens do uso de Rap como abordagem alternativa em encontros educativos:

O estilo RAP estimula o jovem a refletir sobre si mesmo, sobre seu lugar social, contribuindo para a ressignificação das identidades do jovem [...] Ao mesmo tempo,

ele cria uma forma própria de o jovem intervir na sociedade, por meio das suas práticas culturais, (DAYRELL, 2005, p. 61).

As letras das músicas eram recursos para realizar a prática de leitura e interpretação de texto. Eles ficavam motivados a ler e tentar encontrar outras palavras ou gírias que combinavam melhor em cada frase. Gostavam de ler, pois eram as músicas que escutavam fora do cárcere. As memórias adormecidas com a mortificação do self voltavam, de uma forma boa.

Os alunos detentos conseguiam interpretar as letras, pois já haviam vivido situações parecidas com as relatadas. Sentiam as músicas, o que estava escrito. Se encontravam. Era o contexto deles, o cotidiano relatado em forma poética. As temáticas os envolviam. E com o acesso aos Rap's dentro da prisão, queriam também escrever seus próprios, para também relatar e até mesmo denunciar o que viviam. Iniciaram as produções textuais de poemas e Rap's autorais em grupo, depois em trio, logo passou para duplas, até que queriam fazer de forma individualizada para o RAP ter sentimento unitário. Para apresentar suas individualidades, suas perspectivas, seus sonhos.

Desse modo, utilizar os RAP's para prática de leitura, interpretação e produção de texto possibilitou que os alunos se conscientizassem acerca da violência, construíssem uma via de esperança no futuro, tivessem visão crítica da realidade, autonomia na interpretação e reflexão de textos, e melhora significativa, não só na escrita e leitura de papéis, mas também, de mundo.

O ensino no cárcere tem muitas implicações e situações difíceis. Uma delas é a realidade de tentar estabelecer diálogo com educandos e eles permanecerem em silêncio pelo ambiente de opressão em que vivem. Sentem-se indignos de estarem na escola e com vergonha de compartilhar seus pensamentos e visões, estando, portanto, proibidos de ser, como apresenta Freire:

A situação de opressão em que se “formam”, em que “realizam” sua existencia, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser. Basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, sem si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens - a do ser mais (FREIRE, 1983, p.44-45)

Todavia, quando o Rap se tornou instrumento de pesquisa, interpretação e leitura na sala, portas automaticamente se abriram. Os alunos se sentiam livres, mesmo em ambiente de restrição de liberdade. As ideias fluíam, conseguiam refletir sobre os textos, poemas e letras

de música. Conseguiram inclusive, produzir seus escritos sem muito auxílio. Além disso, se conscientizavam e se reconheciam como sujeitos do mundo, incluídos no corpo social. Segundo Freire (1987), é isto que a educação como prática de liberdade proporciona:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens (FREIRE, 1987, p. 40).

Para Freire (2021, p. 82), “não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados”. Desta forma, a educação deve ser a ponte para a liberdade e promotora do resgate à cidadania, até mesmo em um ambiente que se faz excludente. Dito isto, é essencial que ocorra nas escolas dentro das prisões, aulas com prática libertadora. Por meio dela, os sujeitos aprendem dialogando e conseguem de maneira mais fácil serem emancipados, a fim de tornar concreta a atividade-fim.

3 EVOLUÇÕES NO PROCESSO DE MUDANÇA DIDÁTICA

Alguns resultados oriundos da mudança didática realizada nas aulas iniciaram cedo, outros caminharam aos poucos para a evolução. Com a proposta de aulas que estabeleciam diálogo e abria espaço para compartilhamentos de opiniões e experiências, percebi que os encontros já não eram mais monólogos, mas uma sala de debates e conversas bem estruturadas e argumentativas.

Por meio das letras de RAP os alunos conseguiram ter autonomia para questionar a realidade vivida na música e também analisar as letras e pensar em propostas que melhorariam seu ritmo e rimas, contribuindo para a formação linguística desses alunos, os quais começaram a experimentar diferentes formas de fala e escrita. Por causa da motivação e vontade de fazer as atividades estabelecidas pelos planos de aula, houve uma melhora significativa na interpretação de texto e consonante a isso, os alunos desenvolveram criticidade para aprofundar ainda mais os debates sobre a realidade do mundo e de si.

No começo das aulas somente eu lia os poemas ou outros textos que trazia, com o decorrer do processo, eles começaram a se revezar para lerem, contribuindo, também, para a atividade de processo de leitura e aprendizagem. A escrita teve uma evolução, porém menor, já conseguiam escrever frases inteiras, conheceram novas palavras e seguiam algumas regras da

língua formal, mas ainda havia um longo processo de estudos. Creio que se tivesse mais tempo de projeto ou mais horas semanais de aula os alunos conseguiriam ter resultados ainda melhores.

A rotação também diminuiu, mais alunos começaram a frequentar as aulas e dificilmente havia alguma falta. De certa forma, esse número de alunos fixos contribuiu para as aulas, visto que os detentos já não tinham mais vergonha de explanar suas ideias e pensamentos, bem como, compartilhar suas produções escritas.

Dito isso, não somente os alunos mudaram por causa do processo de mudança das aulas e desenvolvimento de atividades, mas eu, como professora, também mudei. Entendi que quando resolvi mudar a prática e torná-la libertadora, encontrei identidades que gostavam de falar e questionar sobre o mundo. Comecei a trazer para a realidade de sala, músicas, artes e literaturas que os educandos se identificavam, e assim, lembravam de suas experiências, de forma a terem um reencontro consigo e com os seus conhecimentos prévios.

Portanto, aos poucos fui me deslocando em direção à uma pedagogia da esperança, em prol do ensino de língua e literatura, além do resgate da cidadania dos alunos detentos:

Ai está uma das tarefas da educação democrática e popular, da pedagogia da esperança - a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blá blá blá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mndo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular - a da linguagem como caminho de invenção da cidadania. (FREIRE, 2019, p.56)

Dali em diante o ensino-aprendizagem se tornou efetivo. As aulas tornaram-se um palco de debates, conscientização e muita conversa. Não havia mais um monólogo em que somente eu falava e transmitia “conhecimento”, mas a relação educador-educando ali se estabelecia e os alunos também traziam seus pontos de vista. Dessa forma, os educandos se tornaram homens do seu pensar, se assumindo sujeitos cognoscentes, os quais começaram a ter autonomia e não mais se penduraram no meu discurso.

Depois da mudança, percebi que em alguns momentos o silêncio ainda voltava. Mas compreendi que já não era mais um silêncio opressor, mas sim, um silêncio reflexivo, que era importante para nós envolvidos. A práxis, enfim, estava se consolidando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ambientes de restrição de liberdade, os ambientes são muito rígidos. Por conta do alto teor de controle e relação de poder, as experiências educativas tornam-se mais difíceis. Os alunos ficam mais quietos, com medo do diálogo (“pois tudo que for falado pode ser usado contra eles no tribunal”); além de que a grande maioria das pessoas encarceradas têm baixa escolaridade.

Assim, é papel da escola e dos educadores da prisão tornarem o ambiente de sala de aula mais harmônico e tranquilo, sendo que o espaço educativo também é uma porta para a manutenção e ressignificação dos vínculos externos. Dessa forma, os profissionais da educação que atuam no sistema penitenciário devem pensar em estratégias para tornar os discentes presos livres, mesmo estando inserido em um ambiente de restrição de liberdade.

As práticas pedagógicas em ambiente prisional precisam promover a cidadania, realizar a atividade-fim com qualidade no ensino e fundamentar as aulas pautadas na conscientização e no desenvolvimento humano. Eu entendi isso que relato, na prática. Meus trabalhos ainda são voltados à educação em prisões, e a cada ação educativa aprendo mais.

O uso das letras de Rap nas minhas aulas de Literatura, no presídio Regional de Criciúma, além de divertido, foi educativo. Houve uma mudança entre as aulas muito grande. As canções contribuíram significativamente nas leituras, interpretações e produções de texto. Ao iniciar as conversas e debates sobre as problemáticas elencadas nos trechos das músicas, as ideias eram expostas e a “teia” do conhecimento ia se fazendo de forma natural.

Penso que se as aulas do projeto continuassem, sem intervalos de férias, a escrita deles, de maneira formal, teria mais efetivação. E o próximo passo seria levar novamente os primeiros textos que selecionei, para que eles lessem novamente e vissem os poemas com novas perspectivas, como um desafio. Até porque assim como é importante o contexto e as trajetórias serem respeitados e usados no processo de aprendizagem, é necessário também, que os professores de Língua Portuguesa apresentem novos tipos de literatura nas aulas, que possivelmente, fora dali os alunos não teriam acesso.

Para concluir, digo que todo esse período de aprendizagem, a qual também sou sujeito do processo, contribuiu para a construção da pessoa e professora que me tornei. Além disso, as aulas do projeto me fizeram encontrar um caminho a seguir dentro da educação.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2011.

DAYRELL, Juarez T. **A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa**. Educação em Revista, BH (15): p. 21-29. Junho 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, 190 p.

_____, Paulo. **Educação e mudança**. 44^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, 110 p.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 107 p.

SCHLICKMANN, Carlos Arcângelo. **A prática de análise linguística em livros didáticos de língua portuguesa**. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, v. 2, n. 2, 2011, Uberlândia. Anais... Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-14.

SCHROEDER, H. **A música como linguagem no ensino do espaço geográfico urbano**. PDE Geografia, 2009.